

CAP. III

As descobertas realizadas: Época romana (séculos I-II e IV-V) As estruturas habitacionais no seu contexto regional

1 - Estruturas do período romano (séculos I-II a IV-V)

A identificação de estruturas murais imediatamente sob o nível cemiterial permitiu, desde logo, conjecturar a possibilidade de as atribuir cronologicamente à época romana. Não só por todos os elementos que relacionavam a localidade de Bucelas com a presença romana, já indicados anteriormente, mas principalmente pelo surgimento indiciante, no contexto da necrópole cristã, de várias moedas em bronze, datadas de diferentes reinados imperiais, como foram, a título de exemplo, as moedas de Antonino Pio (século II), a de Adriano (século II) ou a de Constantino I (século IV).



Figura 23
Vista geral das estruturas romanas, onde são visíveis os vários compartimentos.

Apesar de a abertura das covas de sepultamento em época medieval/moderna ter afetado o contexto romano, as estruturas murais mantiveram-se em relativo bom estado de conservação. Ainda assim, a construção de um muro, de orientação este-oeste, efetuada possivelmente nos séculos XVI-XVII, muro esse que atualmente se encontra junto ao passeio da Rua Marquês de Pombal, trancou parte daquele contexto. Tal muro poderia ter correspondido ao limite norte do espaço sepulcral da capela do Espírito Santo, mas a escavação de emergência

realizada, quer por motivos financeiros e temporais, quer logísticos – na verdade, trata-se de uma rua que é também estrada nacional de grande circulação – dificilmente poderia ter sido estendida para essa zona.

Foram identificados no nível romano seis muros que formavam três compartimentos sub quadrangulares, a que se atribuíram as letras A, B e C. Nenhum dos compartimentos foi escavado na totalidade da sua área, devido aos condicionalismos invocados no parágrafo anterior, o que não impediu a perceção, relativamente aos compartimentos A, a este, e B, a oeste, dos respetivos limites; todavia, tal não foi possível no que toca ao compartimento C, a norte, onde a intervenção teve de ser exígua.

Estas estruturas caracterizavam-se pela construção em alvenaria seca, com várias fiadas de pedra calcária, local de pequena/média e grande dimensão, sobrepostas umas às outras, sem recurso a ligante de tipo argamassa ou *opus*, e em que as pedras da base seriam de maiores dimensões. Não obstante, entre as fiadas de pedras foi colocado um sedimento de coloração castanho-avermelhado, de matriz argilosa, que pode ter servido como ligante, dada a grande compactação que o caracterizava quando seco; de notar, ainda, que os muros não ofereciam qualquer tipo de reboco. Tinham cerca de 0,50 m de largura e, em algumas secções, atingiam, no seu estado atual, cerca de 0,60 m de altura.



Figura 24
Pormenor de um dos muros romanos que delimitava um dos compartimentos.



Figura 25
Vista geral do compartimento A, onde se pode observar vestígios de um pavimento.



Figura 26
Compartimento B onde é visível o derrube de telhas.

Assim, as estruturas murais assentavam no substrato geológico de composição arenítica ou em conglomerados areníticos. Como o local apresentava um nível de encosta com uma pendente sul-norte, os muros com essa orientação foram construídos em “escada”, por forma a anular o desnível natural do terreno. Quanto aos muros perpendiculares àqueles, isto é, com orientação este-oeste, o que se encontrava mais bem conservado, dos dois que se preservaram, detinha uma fiada de pedras fincadas na base da fundação, igualmente com a função de anular o efeito pendente, funcionando como sapata.

No compartimento A, a frequência dos sepultamentos, desfigurou muito do que potencialmente poderia ter sido recolhido, em termos de informação arqueológica sobre o piso ou a cobertura daquele compartimento. A presença de alguns elementos em tijoleira e cerâmica de construção, além das lajes pétreas no canto sudeste do compartimento, sugeria a existência inicial de um chão em pedra, colmatado, aqui e ali, por tijoleira em cerâmica.

À presença de uma estrutura de piso neste compartimento pode associar-se uma função mais nobre, para a distinguir de tarefas eventualmente mais correntes (relacionados com atividades laborais, por exemplo) praticadas nos restantes.

Figura 27
Compartimento B onde é visível a zona de carvões e cinzas.



Figura 28
Compartimento B com o pormenor do caneiro.

Com efeito, o compartimento A poderia corresponder a uma zona de alcova ou quarto, existindo uma porta a norte que o ligaria ao compartimento C. Quanto à cobertura, o escasso registo de telhas parece não apontar para uma cobertura de telhado, embora essa escassez possa estar relacionada com alterações provocadas pela intrusão do nível cemiterial que se lhe sobrepunha.

No compartimento B, por seu turno, um derrube de telhas na camada 10, composto por telhas de meia cana de pasta de cor avermelhada e ou de pasta amarelada,

surgeriu uma cobertura em telheiro ou telhado, sendo de referir igualmente, como paralelo, a escavação de um nível de derrube na *villa* de Frielas, associado ao abandono da mesma (Silva, 2020, pp. 76 a 79).

Sob o derrube de telhas, e imediatamente sobre o afloramento rochoso, registou-se um depósito composto por sedimento de matriz argilo arenosa, de cor castanha e cinzenta, contendo também abundantes nódulos de carvões e cinzas (camada 13), o qual foi identificado como unidade de abandono ou destruição, talvez relacionada com um nível de incêndio ou de combustão (incêndio do travejamento em madeira que susteria o telheiro ou telhado?). A presença de um buraco de poste central, escavado no substrato geológico, parece apontar também para essa hipótese de cobertura.

No compartimento B não foi detetado qualquer piso estruturado, pelo que o chão assentaria diretamente no substrato, o qual, para o efeito, parece ter sido nivelado. Em contrapartida, foi registada a existência de um caneiro, no canto noroeste do compartimento, construído com telhas, em que a parte côncava ficava voltada para baixo, cobrindo uma vala de pequena potência escavada no substrato. A escavação do interior do caneiro, infelizmente, não revelou qualquer espólio.



Figura 29
Compartimento C parcialmente truncado por um muro do período moderno.

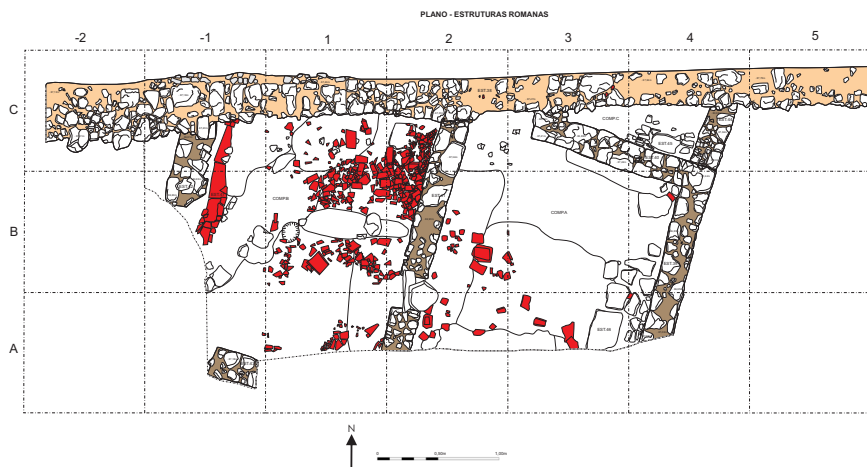


Figura 30
Plano das estruturas romanas, desenho de Vasco Vieira.

Ainda neste compartimento, foram registadas duas valas escavadas no substrato, de sentido sul-norte, sendo que uma surge do canto oeste e outra do canto este do compartimento, desembocando esta última na primeira. Funcionariam, muito provavelmente, como caleiras de água, uma vez que aproveitam a pendente natural do terreno, captando essa água de um ponto mais alto para um situado a cota inferior, a norte do compartimento B.

Ainda é de referir que, já fora da área deste conjunto de estruturas murais atribuídas à época romana, foi escavada uma estrutura negativa, de orientação este-oeste sob o contexto de necrópole, que poderia ter funcionado também como caleira, mas neste caso talvez relacionada com um momento de atividade agrícola contemporâneo ou posterior ao contexto romano; na verdade, foram detetadas fossas de pequena potência, subcirculares, correspondendo possivelmente ao negativo de plantações.

Relativamente ao espólio recolhido, e dada a intrusão no contexto romano dos níveis sepulcrais cristãos, muita da cerâmica romana exumada não pôde ser associada à estratigrafia diretamente relacionada com as estruturas (o mesmo se verificou com outros achados interessantes, como uma fíbula, asa de lucerna e algumas moedas). A maior parte do espólio cerâmico que, assim, pôde ser

associado à estratigrafia romana foram as cerâmicas comuns, de pasta castanha ou de pasta alaranjada, medianamente grosseiras, com alguns elementos não plásticos, com grande predominância de quartzitos, onde se conseguiu identificar o predomínio de duas formas: painéis e *dolia*.

Foi exumado também um conjunto de pesos de tear, maioritariamente de formato sub-retangular e contendo um único orifício de suspensão, bem como cerâmica de paredes finas de pasta alaranjada, das quais se identificou um jarro de maiores dimensões e um outro de menor tamanho, podendo tratar-se de produções locais.



Figura 31
Compartimento A com destaque para um peso de tear *in situ*.



Figura 32
Compartimento B destaque para um pequeno recipiente de cerâmica *in situ*.

Preliminarmente, para a cronologia da construção daquelas estruturas romanas, aponta-se, pela análise geral do espólio encontrado junto às fundações dos muros, para os séculos I a II d.C. Porém, a observação e datação de numismas romanos, encontrados em níveis posteriores, pode futuramente dar mais algumas pistas sobre a fase romana do local ou de áreas adjacentes, de onde eles podem eventualmente ter provindo.

Tendo-se exumado fragmentos de cerâmica de tipo *terra sigillata* clara africana nos níveis de abandono, ou pós abandono, e nos depósitos associados ao nível da necrópole cristã, além de uma moeda de Constantino I, propõe-se os séculos IV a V como baliza temporal para o abandono daquelas estruturas.

Para uma interpretação mais desenvolvida deste contexto romano, teria obviamente sido interessante estender a escavação tanto para norte como para sul das estruturas. Certamente, estamos perante um contexto rural, relacionado talvez com a atividade agrícola. Como já referido, parte das estruturas identificadas, nomeadamente o compartimento A, pode ter funcionado como habitação, enquadrado em atividades domésticas e/ou ofícios relacionados com a tecelagem, dada a presença de um conjunto de pesos de tear. No compartimento B, as valas de drenagem de água aí detetadas poderiam estar relacionadas com a presença de um moinho, interpretação sugerida para o contexto romano do sítio da Raposa, com características muito semelhantes ao de Bucelas (Robalo et al., 2011-12, pp. 34, 35).

O aprofundamento do estudo dos vários dados recolhidos na escavação permitirá, no futuro, compreender melhor o que pode ter sido a presença romana em Bucelas. Situada numa encruzilhada de estradas e caminhos, a localidade seria apropriada para a instalação de um aglomerado populacional romano (um *vicus*?), de vocação agrícola, o que faz sentido se tivermos em conta toda a informação já disponível sobre o concelho de Loures, integrado num mais amplo panorama daquela época, relativo à área metropolitana da cidade romana de Lisboa. É nesse âmbito maior que os novos achados de Bucelas inserem a localidade, dando-lhe um estatuto mais significativo do que até agora detinha, e convidando à prossecução das investigações sobre o que foi a época clássica na região metropolitana como um todo.

Figura 33

Vista geral da Igreja Matriz onde é visível o cipo romano com uma inscrição funerária, integrado no projeto *Lisboa Romana*, o que significa que junto ao monumento epigráfico o visitante tem acesso a um QRCode.



Figura 34

Vista da entrada lateral da Igreja Matriz, sendo visível uma inscrição funerária romana, junto às escadas, integrada no projeto *Lisboa Romana* com o respetivo QRCode.

2 - A presença romana em Bucelas e sua ligação com *Felicitas Iulia Olisipo*

A confirmação de estruturas romanas no centro da vila de Bucelas veio confirmar a sua antiguidade. A análise preliminar do espólio encontrando, associado às fundações das aludidas estruturas, permite apontar para uma cronologia entre os séculos I a II d.C. Recorde-se que os dois monumentos epigráficos funerários, existentes no Largo Espírito Santo, foram datados do

mesmo período: o cipo, incorporado no muro do adro da Igreja Matriz junto à cabeceira, está datado de finais do século I d. C. ou mesmo dos inícios do século II d.C.; a outra inscrição, adossada a um muro junto a uma escadaria próxima da entrada do templo, foi, por sua vez, datada do século I d. C.

Durante o período romano, todo este território estava integrado como zona essencialmente rural no *Ager Olisiponensis*, ou seja, na área administrativa da cidade romana de Lisboa, a *Felicitas Iulia Olisipo*. Não só as inscrições funerárias no adro da matriz nos indicam a presença romana nesta

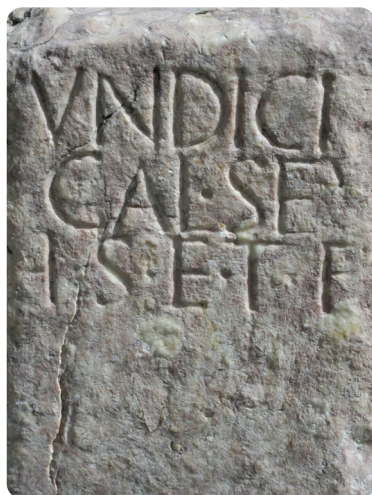


Figura 35
Pormenor da inscrição funerária.

Figura 36
Vista do Mausoléu romano da Quinta da Romeira de Baixo, fachada sul.



zona (Fernandes, 2003, pp.27-55), como outros achados corroboram esta possibilidade; além de um tesouro monetário (Azevedo, 1897, pp. 249-252) hoje perdido, bem como outros indícios também conhecidos como: uma pequena estatueta itifálica em bronze (Estêvão, 2019, pp. 138-143), e o mausoléu romano da Quinta de Romeira de Baixo (Estêvão, 2004, pp.45-51).

Outro aspeto importante a considerar, para melhor compreender o povoamento romano da região de Loures, é a existência de várias *villae*, em Frielas (Silva, 1998, pp. 43 - 48) e em Unhos (Silva, 2012, p.92), e o sítio das Almoinhas (Oliveira, 2001, pp.65-94), que poderá ter sido um *vicus* (Brazuna & Coelho, 2012, pp. 103-116). Estes locais, todos relacionados com a várzea do rio Trancão e integrados no *Ager Olisiponensis*, podem indiciar quão importante era já aquele curso de água e seus férteis terrenos anexos para o povoamento local da antiguidade (Mantas, 2018, p.41). Também são relevantes, para a zona em causa, as conclusões dos estudos sobre a rede viária terrestre (Mantas, 2012, pp. 76-85).

Para alguns autores, a principal ligação por terra entre *Olisipo* e *Scallabis* atravessava Sacavém (Mantas, 1998, p. 20), cruzando o rio Trancão, e seguindo para Alverca. Outros, porém, creem que a estrada principal proveniente de Lisboa partia da atual Praça da Figueira, passava por Frielas e Almoinhas (Loures), e contornava a várzea em direção a Alverca (Guerra, 2018, pp. 52-63). Esta segunda hipótese é basicamente fundamentada nos marcos miliários identificados, nomeadamente, em Frielas e nas Almoinhas, bem como nos sítios do atual concelho de Loures já mencionados. Esta última conjectura não exclui a possibilidade da existência de uma via secundária que entroncava na estrada principal - que ligava Lisboa a Santarém - junto a São Julião do Tojal, passando por Bucelas, em direção a Santiago dos Velhos. Importa ressaltar que os dois marcos miliários das Almoinhas estão expostos no Museu Municipal de Loures.

Gostaríamos de acentuar que esta longa intervenção arqueológica veio dar nova vida a um setor da atividade cultural no concelho, que já conta com longa tradição, esperando-se que outras circunstâncias, sejam quais forem as suas motivações (emergência, acompanhamento de obra, ou investigação), prossigam o nosso trabalho realizado.

A integração deste novo sítio arqueológico numa rede de locais da época romana, localizados na região da grande Lisboa, o designado projeto *Lisboa Romana* (o link é <https://lisboaromana.pt/>) significa que Bucelas faz parte de uma nova oferta cultural, um roteiro arqueológico pelo antigo *Ager Olisiponensis*.